



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**“OCUPA TUDO” : O PROTAGONISMO DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS NA LUTA  
POR UMA ESCOLA MAIS PARTICIPATIVA.**

Tabata Soldan

[tabatasoldan@yahoo.com.br](mailto:tabatasoldan@yahoo.com.br)

Universidade Federal do Paraná

Brasil

Kamille Mattar

[mille.mattar@hotmail.com](mailto:mille.mattar@hotmail.com)

Universidade Federal do Paraná

Brasil

Simone Meucci

[simonemeucci2010@gmail.com](mailto:simonemeucci2010@gmail.com)

Universidade Federal do Paraná

Brasil

Maria Tarcisa Silva Bega

[tarcisa.silva@gmail.com](mailto:tarcisa.silva@gmail.com)

Universidade Federal do Paraná

Brasil



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### RESUMEN

No dia 31 de agosto de 2016, após um longo e polêmico processo de impeachment iniciado no final do ano de 2015, a presidenta do Brasil Dilma Rousseff teve seu cargo cassado, assumindo assim a presidência da república Michel Temer, que até então ocupava o posto interinamente. Menos de um mês após sua posse, no dia 22 de setembro, Temer editou a Medida Provisória nº 746 atualmente em tramitação no Congresso Nacional, em caráter de urgência. Em linhas gerais a MP propõe a reestruturação do ensino médio brasileiro, ignorando toda a discussão que estava sendo realizada desde 2014 pelo Plano Nacional de Educação. Uma medida provisória por si só já restringe o debate com a população, em virtude tanto dos curtos prazos para a sua tramitação quanto pela maneira hierarquizada como é proposta, eis que se trata de um ato solitário do chefe do executivo, sem a devida consulta pública ou realização de audiências públicas para o debate com os representantes populares. O que se percebe assim é que os participantes que tem efetiva capacidade de interferir na elaboração do tema abordado são os setores governamentais (deputados e senadores), restando aos setores não-governamentais agir em caráter de resistência. A mobilização estudantil contra tal medida iniciou-se no dia 3 de outubro em um colégio público do estado Paraná, resultando ao final em mais de 800 escolas ocupadas no estado e um número acima de 1000 em todo o território nacional. Um movimento articulado basicamente pelos estudantes secundaristas, sem participação efetiva de centrais sindicais e movimentos estudantis institucionalizados. Entre suas reivindicações também estavam o posicionamento contrário ao Projeto de Emenda Constitucional 241/55 que estabelece um teto de 20 anos para os investimentos públicos, incluindo saúde e educação. Diante disso, este artigo tem por objetivo geral compreender o processo de emergência dos estudantes secundaristas como protagonistas deste debate. Para isso utilizaremos análise de entrevistas realizadas com estudantes que ocuparam uma escola na cidade de Curitiba pelo grupo de pesquisa de Pensamento Social Brasileiro da Universidade Federal do Paraná. Para dar conta da análise da instituição escolar partiremos principalmente das contribuições teóricas de François Dubet, que através de sua sociologia da experiência, ultrapassa o argumento da reprodução de Bourdieu quando analisa a instituição, e reforça a importância das diferentes experiências construídas pelos alunos em relação à escola, que segundo o autor, não pode mais ser entendida como compreendiam os clássicos da sociologia, ou seja, uma instituição que tem como objetivo final apenas a inculcação de valores e normas sociais.

### Palabras clave

Lutas por reconhecimento, ocupações escolares, protagonismo juvenil

### ABSTRACT

On August 31, 2016, after a long and controversial process of impeachment started at the end of 2015, the president of Brazil Dilma Rousseff was dismissed, thus assuming the presidency Michel Temer. Less than a month after his inauguration, on September 22, Temer published the Provisional



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Measure n°746, that was approved. In general, the MP proposes the restructuring of Brazilian high school, ignoring all the discussion that was being held since 2014 by the National Education Plan. A provisional measure by itself already restricts the debate with population, due to both the short deadlines for its processing and the hierarchical way in which it is proposed, in view of the fact that this is a solitary act of the chief executive, without due public consultation or public hearings for the debate with the popular representatives. What is perceived in this way is that the participants who have an effective capacity to interfere in the elaboration of the topic are the governmental sectors (deputies and senators), leaving the non-governmental sectors acting in a character of resistance. The student mobilization against this measure began on October 3, 2016 at a public college in the state of Paraná, resulting in more than 800 schools occupied in the state and more than 1000 in the whole national territory. This movement was basically articulated by the students, without effective participation of syndical centrals and institutionalized student movements. Among the complaints were also the opposition to Constitutional Amendment Project n° 241(55) which approves a limit on public investments for the next 20 years, including health and education. In view of this, this article has the general objective to understand the process of emerging secondary students as protagonists of this debate. For that, we will use analysis of interviews with students who occupied a school in the city of Curitiba those interviews are made by the research group of Brazilian Social Thought of the Federal University of Paraná. In order to deal with the school institution, we shall start from the theoretical contributions of François Dubet, who through his sociology of experience goes beyond Bourdieu's argument when he analyzes the institution, and reinforces the importance of the different experiences built by the students in relation to the school, which according to the author can no longer be understood as they were by the classics of sociology, that is, an institution whose only objective is to impose social values and norms.

### **Keywords**

The struggle for recognition, school occupation, protagonism juvenile



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### **I. Introducción**

O movimento das ocupações escolares no Brasil se insere em um contexto político bastante conturbado marcado pela polaridade de posicionamentos. De um lado, estavam aqueles que defenderam e apoiaram o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, caracterizando a oposição conservadora e neoliberal<sup>1</sup>. De outro, os setores sociais que reconhecem o governo de Temer como um golpe institucional, ressaltando sua natureza autoritária e ilegítima (Gohn, 2017; Batista, 2017). Essa situação é intensificada com a implementação de um programa político e econômico bastante distinto do anterior. As ocupações escolares surgem como uma reação direta a PEC241 e a MP 746/16, as quais afetam, respectivamente, os investimentos públicos em saúde e educação e estabelece uma reformulação das diretrizes e estruturas do ensino público brasileiro<sup>2</sup>. A principal crítica do movimento se refere ao caráter de urgência em que essas medidas foram propostas, restringindo completamente o debate com a população.

Diante disso, em outubro de 2016 estudantes secundaristas do Colégio Arnaldo Jansen ocuparam a escola, em São José dos Pinhás – Paraná, dando início a uma mobilização estudantil que iria culminar na ocupação de 850 escolas só neste estado, e um total de 1.071<sup>3</sup> em todo o território nacional (PACHECO, 2016). O movimento ficou conhecido pela forma de organização dos estudantes, os quais frisavam seus discursos a horizontalidade das decisões e inexistência de lideranças explícitas (Paes e Pipano, 2017; Flach e Schlesener, 2017).

Vale ressaltar que essas ocupações escolares não se tratam de um movimento isolado. Elas se inserem ao contexto de protestos e greves realizados pelas categorias profissionais do sistema educacional público ocorridas nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás e Paraná, que vinham ocorrendo desde 2013 em razão de reajustes salariais, falta de merenda escolar e das condições precárias de trabalho; e das ocupações escolares que vem ocorrendo no Brasil de forma

---

<sup>1</sup> Representados pelo Movimento Brasil Livre – MBL e Vem Pra Rua.

<sup>2</sup> As principais alterações se referem a instituição do ensino integral, a alteração das disciplinas que compõe o currículo e na forma de oferta destas, assim, o ensino passa a ser por áreas de conhecimento (Ciências Naturais, Ciências Humanas e Formação Técnica e Profissional) e apenas Matemática e Português são obrigatórias em todos os anos do ensino

<sup>3</sup> Incluindo Institutos Federais, campi de Universidades Federais e Estaduais e Núcleos Regionais de Educação.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

mais enfática desde 2015<sup>4</sup>, ressaltando ainda a inspiração no movimento dos estudantes chilenos ocorrido em 2006, o qual ficou conhecido como a *Revolta dos Pinguins*.

Isto posto, o sub-grupo Sociologia da Educação, que compõe o Grupo de Pesquisa de Pensamento Social Brasileiro da UFPR, iniciou uma pesquisa acerca das ocupações escolares. Coletivamente as entrevistas foram organizadas. O objetivo era compreender os sentidos e os sentimentos em relação à ocupação de alunas/os que participaram do movimento.

A pesquisa está em desenvolvimento<sup>5</sup>. Até o presente momento 3 entrevistas, de em média duas horas e meia de duração, foram realizadas com 7 alunos de uma escola estadual da cidade de Curitiba. O convite foi realizado através do professor de sociologia da escola, que é também doutorando de sociologia da UFPR e integrante do Grupo de Pesquisa de Pensamento Social. Diante disso, as entrevistas foram mediadas por outros participantes da pesquisa, buscando dissociar assim a imagem do professor de sociologia com o trabalho que estava ali sendo realizado.

Para cumprir um dos objetivos principais deste trabalho, que é compreender através da Teoria do Reconhecimento de Honneth o engajamento dos estudantes no movimento de ocupações escolares, é importante antes esclarecer porque consideramos essa teoria relevante para a análise dos movimentos sociais.

---

<sup>4</sup> Em São Paulo, os estudantes secundaristas se mobilizaram contra reestruturação escolar proposta pelo governo de Alckmin, que previa o remanejamento compulsório de 311 mil alunos e o fechamento de 93 escolas. Os estudantes conseguiram suspender a medida, motivando ocupações em Minas Geras, Goiás, Rio de Janeiro, Espírito Santos, Paraná e Rio Grande Sul.

<sup>5</sup> As entrevistas foram realizadas no final do ano de 2016 com alunas/os de um colégio público de Curitiba. Algumas análises coletivas do material já foram realizadas. Esta é mais uma análise, com um viés específico, de parte do grupo que está envolvida no Projeto.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## **II. Marco teórico/marco conceptual**

Garcêz (2014), ao se perguntar se o quadro conceitual da Teoria do Reconhecimento pode ser considerado uma Teoria dos Movimentos Sociais realiza uma análise dos movimentos sociais tradicionais e dos novos movimentos. De acordo com ela a principal diferença existente entre os dois, e as teorias que se debruçam sobre eles, está no foco do interesse. O primeiro se preocupa em explicar a motivação para a constituição daqueles movimentos sociais. Já o segundo foca no conflito e na identidade para o processo de organização e manutenção dos movimentos.

Partindo das contribuições teóricas sobre reconhecimento do jovem Hegel, Honneth (2003) constrói sua própria Teoria do Reconhecimento, onde dá centralidade a luta existente e ao caráter intersubjetivo na conquista do reconhecimento. Para ele é em interação que os sujeitos se tornam indivíduos. O processo de individuação, portanto, “está ligado ao pressuposto de uma ampliação simultânea das relações de reconhecimento mútuo” (Honneth, 2003, p. 156). Esse reconhecimento mútuo também está ligado à questão da autonomia, pois ao passo que os indivíduos em interação se consideram como tal (individualizados) se compreendem como seres autônomos.

Ao analisar esse processo de construção da subjetividade e da identidade individual e social num contexto de relações de reconhecimento, Honneth (2003) vai perceber que essa construção não se dá sem a vivência de experiências de desrespeito e de desencadeamento de expectativas normativas morais, que conformam a autopercepção dos indivíduos. A ênfase nessas experiências busca evidenciar que sentimentos morais de injustiça funcionam como propulsores das lutas sociais.

O teórico utiliza a noção de semântica coletiva para explicar como as ações coletivas se estruturam. Para ele é no momento de compartilhar as experiências que elas ganham potencial normativo, ou seja, é ao articularem suas experiências com os outros que os indivíduos as nomeiam e dão existência aos seus sentimentos. O compartilhamento das experiências de sofrimento gera uma ponte semântica resistente a ponto de constituir uma identidade coletiva e criar laços suficientes para fazer da luta pessoal uma luta coletiva. Essa dinâmica antecede as estratégias e táticas dos movimentos e o processo racional de produção da ação política. Portanto, não basta que as pessoas compartilhem seus sofrimentos, é preciso que construam sentidos em um grupo.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O autor também se utiliza da psicologia social de Mead, o que permitiu dar ao trabalho teórico de Honneth (2003) uma “inflexão empírica à ideia hegeliana” (Honneth, 2003, p. 24) e possibilitou o desenvolvimento “no plano de uma teoria da intersubjetividade um conceito de pessoa em que a possibilidade de uma auto-relação imperturbada se revela dependente de três formas de reconhecimento (amor, direito e estima)” (Honneh, 2003 p. 23 e 24).

Ao perceber que Honneth em sua Teoria do Reconhecimento não tinha por objetivo principal explicar como e/ou porque as ações coletivas se constituem, mas dar centralidade ao conflito e a identidade, Garcêz (2014) chega à conclusão de que a Teoria do Reconhecimento contribui para a análise dos Movimentos Sociais, apesar de não se restringir a eles.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### **III. Metodología**

Nosso método compreendeu entrevistas em grupo. Os grupos eram pequenos, formados por dois a três estudantes. A escolha deveu-se ao fato de que tínhamos por objetivo observar as condições de interação, que é um elemento fundamental no trabalho de compreensão dos mecanismos de subjetivação. (Flick, 2004; Gaskell, 2003).

Para realização dessas entrevistas lançamos mãos de cartões, onde cada um levava em si pessoas e instâncias que compõem a escola, eram eles: 1 - professoras e professores; 2 – colegas; 3 – espaço físico; 4 – si mesmo; e 5 – direção e coordenação pedagógica. As entrevistadas/os deveriam através de suas narrativas buscar expressar, a partir dos cartões, o que sentiam, sentiram e sentem, antes, durante e após a ocupação.

Neste trabalho nos propusemos a realizar um exercício de análise sociológica das 3 entrevistas realizadas com 7 alunas/os de uma escola ocupada em Curitiba/ PR durante 2016, a partir da Teoria do Reconhecimento, procurando articular teoria e realidade empírica.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### IV. Análisis y discusión de datos

O conceito de reconhecimento de Honneth (2003) apresenta a ideia de que há expectativas normativas morais que conformam a autopercepção dos indivíduos. Quando essas expectativas são desrespeitadas essa quebra se torna combustível de conflitos pelo reconhecimento individual e social. Ao narrarem seus sentimentos acerca da ocupação que organizaram e sustentaram, os alunos demonstram grande insatisfação em relação às expectativas que possuíam sobre a educação em geral, a escola, a direção pedagógica e os professores.

O sentimento demonstrado em relação à escola antes da ocupação foi o de que ela consistia em um lugar de não pertencimento, contrariando aquilo que esperavam: um lugar de refúgio. Essa quebra de expectativa parece gerar muitos conflitos, internos e externos:

*eu nunca senti acolhida pela escola antes da ocupação. Nunca. Nunca. Nunca. Eu acho que em escola nenhuma que eu estudei. Não... na escola que eu estudei até a quarta série eu gostava. [risos coletivos] Mas antes, nem na biblioteca... sei lá... lugar nenhum... muita frieza... eu sempre digo que a escola é fria... no sentido dela ser gelada, porque é muito frio mesmo e encana muito frio na escola, mas é tipo... eu acho que ela é fria em todos os sentidos (S – aluna 3ºano EM – entrevista 2).*

*então eu entrei no colégio e daí não conseguia entrar aqui, não conseguia entrar ali, não conseguia entrar acolá, eu me sentia totalmente perdido(...) antes da ocupação eu fui... a palavra certa é doloroso (...)eu me sentia como se eu fosse, como se eu tivesse aquele momento de 4 horas e eu queria o fim da aula, mas eu não queria o fim da aula por que eu não queria ir pra casa, por que eu queria estar na escola, por que escola pra mim é um alívio(...) eu sempre tive muitos problemas com a minha mãe, eu sempre falava que a escola era minha droga, por que naquele momento eu tinha um escape (...) A questão é que eu realmente me sentia fora do meu lugar, sabe? Como se eu não pertencesse à aquele lugar, a música do Legião Urbana resume bem isso sabe, aquela: tira suas mãos de mim que não pertença à você, eu sentia isso sabe? Eu não pertencia aquele lugar(...) as mão da escola, as mão das outras pessoas, as mão daquele ambiente (AR – aluno 2º ano EM – entrevista 3).*

Já nesses trechos, percebemos que a escola não é compreendida pelos alunos como uma instituição externa a eles, mas a partir das relações estabelecidas com os colegas, os professores, a direção e a coordenação pedagógica, sendo justamente a ausência de afetividade nessas relações que causa a frustração e o não pertencimento. Dubet (1997) em sua pesquisa que resulta no livro *En la*



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

*Escuela*<sup>6</sup>, comprende que a escola não pode mais ser reduzida “à forma burocrática geral que a encerra” (Dubet, 1997, p. 60). Nesse sentido, a instituição escolar, que antes, consistia em “uma instituição fortemente regulada, está se transformando pouco a pouco” (Dubet, 1997, p. 61). Portanto, segundo ele, as teorias sociológicas clássicas, por exemplo, não dão conta de compreender totalmente esse espaço, fazendo-se necessária a utilização de outros modelos de análise, que deem ênfase à experiência social e que proponham uma concepção da socialização como um processo que possui uma dimensão de subjetivação.

Em relação aos professores, novamente o sentimento de frustração e/ou indiferença aparece. Afirmam que há por parte da maioria dos docentes uma falta de reconhecimento, empatia e até mesmo de respeito. O acolhimento e identificação surgem como elementos estranhos/anormal, materializado na figura do professor de Sociologia como uma das raríssimas exceções.

*Assim, tem alguns que eu gosto mais, alguns que eu não gosto. Indiferente, mas o professor de Sociologia.... O professor de Sociologia! Eu já gostava muito dele antes (...) É só ele também... (...) ENTREVISTADORA: e os outros, você sente o que em relação aos outros? (...) K: Não sei. Profissionalismo só. Professor e aluno. Relação professor-aluno (K - aluna 3ºano EM – entrevista 2).*

*a gente espera que a gente seja tratado com respeito, sabe, é isso que a gente exige (...) Sabe, a gente é tratado... a gente é menosprezado por professor mesmo, assim, sabe? Então, professores como o A [professor de Sociologia], é, a gente se sente capaz mesmo, sabe? Quantas vezes ele olhou no meu olho e falou: eu acredito em vocês!(...) ele trata a gente como humano mesmo sabe? Eu comecei a perceber mais os professores como humanos, não só como tipo, a vou pôr eles num pedestal e não vou poder tocá-los . O A ele veio, ele desceu e ficou do nosso lado” (...). Ele se colocou como humano do nosso lado, e não como ah, eu sei mais do que você então eu sou melhor, sabe... (AK - aluna 2º ano EM – entrevista 3).*

O sentimento em relação à direção e coordenação pedagógica aparece de forma positivas em algumas falas, mas essa perspectiva é alterada com as ocupações. Os alunos afirmam que antes a relação estabelecida com a orientação pedagógica poderia, inclusive, envolver afeto. No entanto, afirmam que esta se tornou conflituosa, o que os fez concluir que esse afeto poderia estar relacionado com uma espécie de controle e favorecimento na execução do trabalho pedagógico:

*então...como eu tenho um longo tempo no colégio, eu conheço todas as pessoas da coordenação, da direção e da pedagogia, mas é...como o B, eu sempre gostei muito da C.*

<sup>6</sup> Foi utilizado neste trabalho a edição em língua espanhola do livro *À l'école. Sociologie de l'expérience scolaire*.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

*Ela sempre foi uma pessoa que, como ele disse, sempre ouve nosso lado, conversa com a gente, não como se a gente fosse aluno, mas sim...como uma pessoa, um amigo ou qualquer outra coisa do tipo, porque o resto da pedagogia você só é mais um aluno, baderneiro e pronto e cabo (J – aluna 1º ano EM – entrevista 1).*

*o problema é que... o problema... o maior problema da nossa direção é: eles escolhem quem que eles vão pegar no pé. Eles têm os alunos escolhidos (...) então, sei lá, se for eu sem uniforme eles vão falar... mas se for uma outra amiga minha eles já não vão falar... (S – aluna 3º ano EM – entrevista 2).*

*a minha relação com a equipe pedagógica, com a direção, nunca foi conflituosa, vamos dizer assim, por que eu sempre fui uma pessoa muito pró-ativa, sempre gostei de fazer as coisas, tanto que eu já entrei duas vezes em grêmio, então eu sempre fui uma pessoa que conhecia diretora, que eu conhecia professores, que conhecia a equipe pedagógica(...) Eu acho que aquela história, quando me faz bem é algo positivo, quando me faz mal é algo negativo (...) é sempre assim quando beneficiava era bom (...) ocupação por exemplo, meu pró ativismo, minha vontade de querer ajudar, pra eles foi horrível, mas na hora de fazer um grêmio, por ter o grêmio, que depois eu acabei entendo que era tipo toda uma jogada de marketeinho, foi pra eles positivo (AR- aluno 2º ano EM – entrevista 3).*

Percebemos através das entrevistas que os alunos sentem um forte desrespeito afetivo por parte da instituição, explicitado pela atitude de indiferença, que parece ter influenciado no surgimento dos conflitos sociais. A falta de afetividade aparece aqui como possuindo um potencial normativo que contribuiu, juntamente com a quebra de expectativas em relação ao direito e estima, para emersão das ocupações.

Essa situação é reforçada com a recorrente reclamação dos alunos de não terem voz dentro da escola, reafirmando o sentimento de falta de reconhecimento. Em relação à MP 746 o mesmo sentimento de que inexistente um diálogo aparece. Expressam que se entendem como os maiores interessados e atingidos pela MP e que mesmo assim suas opiniões não foram ouvidas. De acordo com os alunos a reforma do ensino médio além de uma atitude vertical, aumentará as desigualdades já existentes e retirará direitos já conquistados. Analisando a partir da Teoria do reconhecimento, é esse rompimento da segurança em relação ao cumprimento social que parece dar vazão ao movimento de ocupação das escolas.

*um grande problema naquela escola é que aluno não tem voz naquela escola... não tem voz nenhuma ... aí naquela ocupação, poder falar “gente, a gente conseguiu isso. A gente. Aluno! (K - aluna º ano EM – entrevista 2).*

*tipo, pra eles, não importam o que a gente está pensando, pra eles não importa o que eu vou comer, pra eles não importa aonde eu vou dormir... só importa o deles. Eu sei porque eu já*



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

*passsei por muita coisa difícil, realmente... e sempre vi que... a política, a nossa política não está totalmente do nosso lado. Então você vê que... você precisa de mais voz (B- aluno 1º ano EM – entrevista 1).*

*Quantos anos eles ficaram pra elaborar o Plano de Educação e agora meses eles querem tirar, sem consultar o estudante. Sem consultar ninguém. Só consultar pessoas ricas. Eu não sou rico. Política não é feita pra mim. Política do Brasil, o governo brasileiro, não é feito pra mim. A educação não é feita pra mim. (...) Escuta a gente, por que se vocês querem uma coisa pra gente... Vocês não sabem de nada. Vocês não sabem de nada. (...) Por que a gente quer reforma, mas quem são vocês pra saber o que a gente precisa ou qual é essa reforma?. (AR- aluno 2º ano EM – entrevista 3).*

De acordo com Honneth (2003), a perda de reconhecimento acarreta numa perda de identidade. A voz aparece como um elemento central. A ausência de voz mostra a interferência que o não reconhecimento no âmbito macro gera nos aspectos mais individuais do sujeito. As autoridades (escolares e governamentais), na compreensão dos alunos, desconhecem quem eles são, não sabem quais são suas necessidades e demandas. A importância da retomada da voz surge como uma retomada da própria condição de sujeito, que implica na capacidade em reivindicar por si mesmo, mas acima de tudo em ser reconhecido por suas peculiaridades. É nisso que reside o processo de construção identitária desses estudantes, em serem ouvidos e reconhecidos em sua individualidade, em termos afetivos, de direito e de estima social. É a falta de reconhecimento mobiliza os alunos. Os alunos na elaboração do movimento (que se dá na prática) em relação intersubjetiva (conflituosa) lutam pelo reconhecimento e pela construção da identidade (individual e social).

Isso se torna mais evidente ao falarem de si mesmos, porque é neste processo que a construção da identidade se torna mais claro. A percepção de si, que passa pela percepção do outro, muda completamente durante o movimento de ocupação. Ainda, apesar do elemento da diferença aparecer como um dos fundamentos para os vínculos intersubjetivos, é no reconhecimento do sofrimento do outro em razão de suas peculiaridades que faz com que os alunos construam sentidos e significados comuns ao movimento, em um processo de construção identitária individual e coletivo.

*bom...como a J disse, acho que...a melhor fase da minha vida também foi a ocupação, porque foi o tempo de abrir a mente, foi o tempo de abrir o coração, de passar a ver mais ainda o lado das pessoas, assim, se pôr no lugar delas...eu confesso que eu era meio machista também...pra mim, homem não tinha que ficar com homem, tanto que eu respeitava,*



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

*mas...não devia...então, assim...eu acho que...cara, conversar com aquelas pessoas, ouvir o que elas sente, poder sentir também, fez eu mudar totalmente assim....(...)( B - aluno 1º ano EM – Entrevista 1).*

*(...), eu tava numa época ruim em questão pessoal de não saber o que eu queria fazer da minha vida, (...). Porque eu não passei no vestibular. Mas assim, (...) ... ataque de ansiedade o tempo inteiro (...) eu disse isso pra eles várias vezes. Que eles salvaram minha vida. Porque eu tava num momento horroroso comigo mesma, eu me batia todo dia, não literalmente, mas dentro da minha cabeça eu tava em conflito e aquilo fez eu parar de pensar tanto no meu. Eu acho que eu tava tendo uma crise e era meio egoísta porque eu tava pensando só no meu futuro (S – aluna 3º ano EM – entrevista 2).*

*antes eu me via uma pessoa superficial, eu entrei na ocupação e eu sou um AR totalmente diferente cara, totalmente diferente. (...) Hoje eu sei que tipo, mulher sofre machismo, negros sofrem racismo, gay apanha por que é gay, lésbica por que é lésbica, sabe? Eu vejo isso, eu me desconstruí, tenho muita coisa pra desconstruí, mas eu me permiti viver, eu sou um cidadão melhor e todo mundo me ajudou nisso, (...) Durante a ocupação, o que eu posso dizer de colegas assim é que eu criei uma relação de amor. Sabe? É amor mesmo. Acho que a intensidade permitiu isso. Você se preocupar tanto assim, você, eu era eu mesmo sabe. Eu não precisava mascarar a minha pinta, eu não precisava mascarar nada.(...) eu me senti tão amado, eu me senti no meu lugar, sabe? Isso é, isso realmente é o que me fez amar todo mundo. Por que, cara, as pessoas me aceitarem do jeito que eu sou, (...) (AR- - aluno 2º ano EM – entrevista 3).*

O processo de (re)construção da identidade é tão complexo, que além da solidariedade, as formas de reconhecimento envolvidas nas relações de reconhecimento entre os alunos são também as de amor, amizade e direito. É essa relação intersubjetiva que possibilita o desenvolvimento da autoconfiança, do auto-respeito e da auto-estima. Elementos essenciais para constituição deles mesmos como indivíduos e do próprio movimento social.

*A gente precisa fazer mais! A gente precisa lutar mais! Se a gente estava ali na ocupação, como eu disse, dizendo que a gente pode ter voz, é porque, agora, a gente têm uma união de vozes. A gente pode ir para rua, que talvez não adiante, mas talvez mude tudo o que está acontecendo. Então, eu acho que, no momento, a resposta é não. Não. Eu... sinto que eu ainda não cumpri tudo que eu tinha que cumprir pra tentar mudar isso. Eu acho que dá pra fazer bem mais... bem mais (B – aluno 1º ano EM – Entrevista 1).*

*Então, eu me sinto pronto pra outra. Eu me sinto com a necessidade de continuar. Eu não posso parar aqui. Eu não me sinto em momento algum derrotado pela ocupação acabar. Pelo contrário, eu me sinto vitorioso. Foi o pontapé pra eu me engajar em movimentos sociais. Agora eu entendi a necessidade (...) Eu quero causar (...) vão ter que me ver, vão ter que me ver! Por que chega. Acabou (...) eu quero lutar, eu quero lutar e se tiver que apanhar, eu vou apanhar. Eu vou bater. Mas eu vou estar lá. Eu quero lutar (AR aluno 2º ano EM – entrevista 3).*



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Se há uma perda de reconhecimento, da escola e dos governantes, há uma perda da identidade. No entanto, a quebra das expectativas nutridas pelos sujeitos possibilita a emersão do conflito no momento em que atribuem sentidos comuns às experiências o que, no caso dos alunos, materializa-se no movimento de ocupação. Aqui, o elemento da voz aparece interligado à luta, indicando que o processo de construção identitária também está imbricado no anseio em assumirem posicionamentos e protagonismos nas reivindicações de suas demandas, sejam expressas e de direito, sejam implícitas e afetivas. Os indivíduos vão assim lutar tanto pela (re)construção do reconhecimento individual e social, como pela (re)construção de suas identidades, individual e social. Essas (re)construções são possíveis através de uma relação intersubjetiva, cujos fundamentos serão o amor, o direito e a estima social.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### **V. Conclusiones**

Este trabalho não tinha pretensões de provar uma teoria ou hipótese. Tínhamos simplesmente como um dos objetivos buscar compreender se a Teoria do Reconhecimento de Honneth pode nos ajudar a pensar movimentos sociais como o das ocupações das escolas ocorridas durante 2016. Para isso utilizamos da análise, através dessa teoria, de três entrevistas com alunas/os que ocuparam uma escola estadual de Curitiba.

Portanto, os dados e interpretações que trouxemos aqui não são conclusivos, no entanto, têm a finalidade de inspirar reflexões acerca dos aspectos identitários e intersubjetivos que propulsionam os sujeitos a se organizarem coletivamente. Essa análise inicial parece permitir confirmar os alcances do modelo e das ferramentas de análise que lançamos mão, especialmente tratando-se de um movimento essencialmente juvenil, em que aparentemente uma das reivindicações e conquistas principais está pautada na sensação de ausência de voz ou, em outras palavras, na necessidade em se fazerem ouvir, o que nos dá margem a pensar sobre o protagonismo juvenil neste movimento pelo viés de uma luta por reconhecimento.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## VI. Bibliografía

BATISTA, P. C. (2014). *Jornadas de Junho: as ruas do Brasil são ocupadas e ganham vozes*. Editora Cromos.

DUBET, F.; MARTUCELLI, D. (1997). *En la escuela: Sociología de la experiencia escolar*. Editora: Losada.

FLACH, S.; SCHLESENER, A. H. (2017). Análise de conjuntura sobre a ocupação de escolas no Paraná a partir do pensamento de Antônio Gramsci. *Revista Educação Temática Digital*. Volume: 19, n. 01, pp. 166 - 186. Doi: 10.20396/etd.v19i1.8647799.

FLICK. U. (2004). Entrevistas e discussões tipo grupos de foco. In: *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Editora Bookman.

GARCÊZ. R. L. de O. (2014). Teoria do Reconhecimento: uma teoria dos movimentos sociais? 2º *Simpósio Nacional sobre Democracia e Desigualdades*. pp. 01–20. Disponível em: <[http://www.sndd2014.eventos.dype.com.br/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=4148](http://www.sndd2014.eventos.dype.com.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=4148)>. Acesso em: 22/04/2017.

GASKELL, G. (2003). Entrevistas Individuais e grupais. In: *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. MARTIN, B. GAKELL, G. (orgs). Editora: Vozes.

GOHN, M. da G. (2017). *Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes*. Editora: Cortez.

HONNETH, A. (2003). *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Editora 34.

PACHECO, C. (2017). #ocupa tudo: a mobilização da juventude nas escolas do Paraná. *VIII Seminário Nacional de Sociologia e Política*. pp. 01 – 17. Disponível em: <[http://e-democracia.com.br/sociologia/anais\\_2017/pdf/GT13-26.pdf](http://e-democracia.com.br/sociologia/anais_2017/pdf/GT13-26.pdf)>. Acesso em: 12/01/2018. ISSN: 2175-6880.

PAES, B. T.; PIPANO, I. (2017). Escolas de luta: cenas da política e educação. *Revista Educação Temática Digital*. Volume: 19, n.01, pp. 06 – 25. Doi: 10.20396/etd.v19i1.8647799.